



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

## O grotesco e o engajamento político em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector *The grotesque and political engagement in *The hour of the star*, by Clarice Lispector*

Joel Rosa de Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo estuda o grotesco nas protagonistas do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, visando à releitura da fortuna crítica e à construção dos retratos e fragmentos dessas personagens. Procuramos também compreender as propostas estéticas modernas da instância de autoria e as correlações com o estudo dessas personagens, a evidenciarem uma crise na condição social burguesa da sociedade capitalista, por parte do personagem-narrador-autor Rodrigo S.M., tanto no processo da representação mimética quanto na tomada de consciência social e engajamento político. Com o romance, Lispector demonstra, de fato, seu engajamento político, porém, em uma dimensão estético-romanesca bastante arrojada, porque, através de técnicas do romance psicológico, implode essas questões, em digressões e processos paródicos.

**Palavras-chave:** romance; grotesco; engajamento; personagem.

**Abstract:** This article studies the grotesque in the protagonists of the novel *The hour of the star*, by Clarice Lispector, aiming at the reinterpretation of critical heritage and the construction of portraits and fragments of these characters. We also tried to understand the modern aesthetic proposals of the authorship instance and the correlations with the study of these characters, showing a crisis in the bourgeois social condition of the capitalist society, by the character-narrator-author Rodrigo S.M., both in the process of mimetic representation as well as in social awareness and political engagement. In the novel, Lispector demonstrates, in fact, her political engagement, but, in a very bold aesthetic-novel dimension, because, through techniques of the psychological novel, she implodes these issues, in digressions and parodic processes.

**Keywords:** novel; grotesque; engagement; character.

“Tanto que estava viva que se mexeu devagar e acomodou o corpo em posição fetal. Grotesca que era.”  
Clarice Lispector

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando na USP e autor da obra *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector: ensaios de literatura pintura*, pela Edusp/Nankin, em 2005, estudioso da obra de Clarice Lispector.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

## Introdução

De acordo com a crítica especializada<sup>2</sup>, *A hora da estrela* (doravante HE) pertence à última e terceira fase de Clarice Lispector (doravante CL), que ocorre a partir de *Água Viva* (1973). CL já se consolidava como uma autora de ficção, tendo escrito, ao longo da carreira, vários gêneros da prosa: romance, conto e crônica. Notadamente, nesta última fase, temos uma dimensão mais experimental e libertária, grotesca e paródica, momento voltado aos deslimites.

Seu enfoque na escrita sempre fora a construção de romances e contos psicológicos, na linha de Joyce e Woolf, mas, em seus textos, de modo meticuloso e pontual, notamos um olhar marcado pela condição social da mulher pequeno-burguesa, fechada em um mundo que a enredava, em um status social por vezes cerceador, de clausura, notáveis pelo enquadramento do espaço oposicional (os cômodos solitários de um apartamento confrontados com a liberdade de resgatar um jardim visceral como o Jardim Botânico, tal como ocorre no conto “Amor”, de *Laços de família* (1964)). Assim, mesmo diante dessa perspectiva de uma literatura intimista e psicológica, CL, no detalhe e na releitura, revela a condição da mulher casada e dona de casa submissa ao casamento e ao patriarcado, em uma sociedade machista, a partir da década de 40.

HE é um romance bastante estudado, com uma fortuna crítica considerável; no entanto, o engajamento político e a estética grotesca são aspectos que ainda podem ser explorados com proveito. CL era consciente dos problemas sociais no Brasil, mas de algum modo se ressentia de não poder solucionar esses problemas porque sua escritura voltava-se para questões filosóficas de cunho existencialista, a atravessar e problematizar a linguagem<sup>3</sup>, que se esfacela e dramatiza, em textos fragmentados e densos. Na ausência desses problemas

---

<sup>2</sup> Ivo Lucchesi (1987), em *Crise e Escritura: uma leitura de Clarice Lispector e Vergílio Ferreira*, já apontava essa última fase de CL, mais experimental e aberta.

<sup>3</sup> Basilar estudo, nesse sentido filosófico-existencialista, é o de Benedito Nunes (1989), intitulado *O drama da linguagem*, texto crítico retrabalhado e aprimorado por décadas.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

sociais “estampados” em sua trajetória ficcional, CL pontuava aqui e ali as condições da nossa miserabilidade humana, da marginalização, da perda da sensibilidade, que envolvem, muitas vezes, questões sociais.

Em *A paixão segundo G.H.* (LISPECTOR, 1964), podemos dizer que a protagonista G.H. confronta a condição social da empregada demitida Janair, cujo ex-quarto encontrava-se, de fato, limpo e não precisava de uma “faxina” da patroa. No romance-chave de CL, e mais estudado pela crítica, há uma certa tensão dialética entre o distanciamento e a aproximação de classes sociais que não dialogam, um silêncio que até hoje espanta e máscara preconceitos de natureza social. Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (LISPECTOR, 1969), Lóri é uma professora de escola pública ingênua, que não só se preocupa com a condição de seus alunos, mas ajuda-os, materialmente. Publicado postumamente, o conto intitulado “A bela e a fera ou uma ferida grande demais” (LISPECTOR, 1979) apresenta o confronto entre Carla, de classe social abastada e casada com um banqueiro, e um mendigo a provocar a consciência da protagonista alienada. Esses três exemplos, no âmbito do romance e do conto, demonstram que CL estruturava sua escritura, de modo a entender que a luta de classes também cria tensões e contrastes, em sua obra, e não só na nossa sociedade (externamente), e essas tensões também se entrelaçam com questões humanistas.

O romance HE é um marco e um ponto de chegada. Poucos meses antes do lançamento, em 1977, CL dava uma entrevista<sup>4</sup> a Julio Lerner (2007), muito tocante, e explicava um pouco da gênese desse texto, e, em seguida, morre. Romance-testamento, de forte impacto tanto na perspectiva social quanto na dimensão da metalinguagem, é uma resposta ao “silêncio” de CL por não se aproximar da construção dos romances regionalistas

---

<sup>4</sup> Esta entrevista foi transcrita no livro de Lerner, intitulado *Clarice Lispector: essa desconhecida*, no primeiro capítulo, intitulado “Meu encontro com Clarice” (2007, p. 17-31). Há, nesta obra de Lerner, uma tentativa de desmitificar e desmistificar a vida de CL e compreender, de modo literário e jornalístico, a obra de CL. Este também entrevista Olga Borelli, no terceiro capítulo, intitulado “Olga Borelli: secretária e amiga” (p. 39-54) e Yudit Rosenbaum, no décimo, intitulado “Vida e literatura: *Yudit Rosenbaum*” (p. 103-130). Todas as entrevistas e estudos foram muito proveitosos para nossa análise.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

de 30 e à crítica, que não observava, na obra de CL, questões sociais demarcadas, explícitas, contundentes e extensivas. CL dava, no final da sua carreira, sua contribuição mais decisiva à literatura brasileira, de modo mais engajado, sem deixar seu estilo de lado, sem corromper suas matrizes estético-literárias construídas, ao longo de décadas. CL não deixava de ser CL enquanto construía uma protagonista que, praticamente passava fome e sobrevivia praticamente só “com cachorro-quente”. Macabéa é uma de suas protagonistas mais marcantes, cujo retrato social é construído por CL, em detalhes internos e externos.

*J.L.: Que novela é essa, Clarice?*

*C.L.: É a história de uma moça tão pobre que só comia cachorro-quente... A história não é isso só, não... A história é a de uma inocência pisada, de uma miséria anônima...”*

*J.L.: O cenário dessa novela é...*

*C.L.: É o Rio de Janeiro... Mas o personagem é nordestino, é de Alagoas...*

*J.L.: Onde é que você foi buscar dentro de si mesma...*

*C.L.: Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, me criei no Nordeste. E, depois, no Rio de Janeiro tem a feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá... E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro... Daí começou a ideia de um... Depois eu fui a uma cartomante e imaginei... Ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido essas coisas boas... Então daí foi nascendo também a trama da história. (2007, p. 26)*

## **Destaques e releituras da fortuna crítica de HE**

HE, para Benedito Nunes (1989), é “centrado na experiência interior”, tendo-se uma “sondagem dos estados da consciência individual”. Temos três histórias entrelaçadas: 1ª) a da protagonista Macabéa; 2ª) a de Rodrigo S.M.; e 3ª) a da narrativa (o metatexto). Ainda que dotado de “simplicidade”, o exercício narrativo apresenta uma forte identificação entre o narrador (que acumula os papéis de narrador propriamente dito, autor e personagem) e a protagonista.

Com relação à crítica ao capitalismo, de modo paródico e irônico, o narrador aponta o patrocínio da Coca e do sabão Aristolino, pois CL já denunciava na época os males do consumismo exacerbado e da mídia cultural, com a insistência dos seus produtos mais



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

simbólicos. Ainda para Nunes, CL desmascara a figura do narrador e do próprio autor que cria, Rodrigo S.M., revelando que tudo é fantasia na ficção, ou seja, Rodrigo S. M. é, de fato, o espelho de CL na narrativa, que pulsa autorias vitais desdobráveis.

A escolha de um autor masculino também se justifica pela perspectiva irônica de evitar uma subjetividade feminina neorromântica, ou seja, evitar algo que poderia “lacrimar piegas” (1977, p. 28). A fragmentação do romance já se estampa, nos treze títulos, cujo “jogo de ficção” revela o intercâmbio de identidades e subjetividades em crise. A perspectiva filosófica caminha para uma “prévia meditação e esvaziamento do eu” ou para uma pulsação de “meditação apaixonada”, com diversos temas e “motivos”: “autoconhecimento”; “expressão”; “existência”, “liberdade”; “contemplação”, “ação”. Há, de acordo com Nunes, um “espaço literário agônico”, e a construção de uma “escritura errante”, “autodilacerada”, em “improviso intérmino”. Notamos que HE é uma espécie de experiência visceral e avassaladora, que arrebatava o leitor, e este não terá saído ileso, porque, mesmo do ponto de vista formal, cria-se uma prosa poética provocadora. Rodrigo S.M projeta-se em CL e, observadas as devidas diferenças, tanto quanto Gustave Flaubert pôde projetar-se em *Madame Bovary*.

Em perspectiva crítico-biográfica, que resgata os ensinamentos críticos de Nunes, Gotlib (1995) afirma que HE demonstra parte da “catarse de uma infância recalçada”. A protagonista Macabéa representa a luta dos povos macabeus (Mac, I, II), cidadãos cuja representação simbólica e etimológica do nome contempla inúmeras “mortes”. Ainda que Macabéaseja extremamente pobre, a ponto de viver com menos de um salário, representa, na lida diária, o “milagre da vida”, o “sumo vital”. É “deslocada do sistema capitalista”, marginalizada, e “também devorada” por esse mesmo sistema.

A protagonista apresenta numerosos retratos, mas um dos mais contundentes é ser “trágica (pura)” e “cômica (idiota)”, temos aqui esse confronto oposicional. Para Gotlib, CL buscava aproximar-se do romance regionalista de 30 e discutir temas caros a essa geração:



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

"fome", "miséria" e "êxodo rural". Segundo Gotlib, há um aspecto filosófico-existencialista no romance, porém há também uma "reflexão" no romance que "desmascara a lógica do sistema capitalista". O leitor também pensa sobre o "mal-estar contundente". Por exemplo, o "carro amarelo" mostra uma "realidade implacável": o rico Hans mata a pobre Macabéa. Esta, além de atropelada e morta, é coisificada, quando se apresenta a ela uma possibilidade de ela mudar de vida, estampada forçosa e falsamente pela cartomante Madama Carlota, Macabéa vê-se engolida pelo próprio sistema capitalista e morre.

Ainda para Gotlib, há três elementos diferenciados na obra romanesca de CL: 1º) feminino (CL); 2º) masculino (Rodrigo S.M.); e 3º) a neutra Macabéa, estereótipos desmistificados. De acordo com Gotlib, Macabéa "consome cultura sucateada", "informações de almanaque" (exemplos marcantes são: escutar a Rádio Relógio e sua coleção de estrelas de cinema). Macabéa é um ser dotado de condição de miserabilidade, por vezes "sem classe nenhuma", "inclassificável"; ainda que se considere "gente", é um ser "anônimo" e "fora do lugar".

Do ponto de vista da construção do autor-narrador-personagem Rodrigo S.M, temos um romance metalinguístico ou metatextual. A estética do kitsch impera, na cena da cartomante, havendo no final uma espécie de melodrama ou "história lacrimogênica de cordel". O tema é fluido e passeia pela "representação do mundo" e por "linguagens narrativas". Trabalha-se no romance HE a "cultura" como "espetáculo do fracasso", pois Macabéa copia o incompreensível e continua sem entender. A desmistificação da literatura e do narrador humaniza-os. Há uma desmonte de "valores" e "certezas", o "eu" ecoa no "vós". Ainda segundo Gotlib, as "classes", os "gêneros" e as "culturas" encontram-se sob "tensão dialética e estética". Assim, este "romance agônico", antes de a autora falecer, é o prenúncio da morte da autora CL. Apresenta uma mimesis poderosa, quando o "olhar da nordestina na Feira de São Cristóvão", num domingo, é bastante marcante.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Gotlib (LISPECTOR, 2017, p. 183-193) retoma algumas dessas ideias no artigo intitulado “Quando o objeto, cultural, é a mulher”<sup>5</sup>. Afirma que, em HE, há uma oposição presente: a “mulher burguesa” (supostamente a personagem CL) em confronto com a mulher nordestina pobre”; o embate entre a mulher intelectual (“instruída”) e a “mulher sem instrução”. Estamos diante do problema do assujeitamento, a história de Macabéa revela não só um ser fora do lugar, mas diante de uma situação de “emergência e calamidade pública”. Macabéa é uma protagonista da falta, da ausência, da negatividade, vive em um mundo onde “tudo lhe é negado”. As adversidades são reflexo de uma condição de miserabilidade extrema, ao viver em um “quarto de pensão” e trabalhar como uma “datilógrafa medíocre”, num escritório qualquer. Nesse processo, não há sujeito, mas a coisificação de Macabéa, que é vista como objeto, e em problemáticas metanarrativas, em “modalidades de linguagem” que não chegam à protagonista. Esta está alheia ao diálogo, à compreensão do outro cidadão urbano. Macabéa tenta abarcar os signos do sistema cultural, mas a realidade que circunda esses elementos está opaca para ela. Conclui Gotlib:

Fica patente, não obstante as intenções do autor, e nossas, que torcemos para que Macabéa se transforme de objeto a sujeito da história, fica patente que não basta, para isso, a simples delegação do poder da fala, ou a delegação a ser falante, a sujeito participante, quando este não possui voz. Rodrigo S.M., o narrador, tenta atingir a realidade de Macabéa, tal qual ela se apresenta, à margem dos valores institucionais, realidade porém que lhe escapa. (GOTLIB, 2017, p. 187)

Gotlib faz algumas perquirições instigantes sobre a “pobreza” de Macabéa, a “realidade”, a “representação”, “a fome”concluindo que a narrativa “transforma-se, então, numa busca de identidades culturais, existenciais e sociais” (LISPECTOR, 2017, p. 188) e o jogo ficcional da autoria já se estampa de início: Clarice cria Rodrigo S.M. para que a expressividade de uma voz masculina pudesse captar e revelar a condição social de Macabéa.

---

<sup>5</sup> Este texto é uma republicação revista e ampliada do texto de mesmo título publicado no final da década de 80, na Revista *Organon*, do Instituto de de Letras da UFRGS. Ver: GOTLIB, Nádia Battella. Quando o objeto, cultural, é a mulher. *Revista Organon*. v.16, n. 16, 1989, p. 198-204.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Há um “trânsito de identidades”, cujas figuras encontram-se em tensão de códigos e culturas. Macabéa está exatamente inserida na cultura da metrópole urbana e “cosmopolita”, mas não faz parte dela, porque é incapaz de compreender esse sistema cultural. Macabéa não é sujeito cultural, mas “objeto de cultura”.

Em confronto com essa visão da protagonista, temos a personagem CL no romance HE, projetada também em Rodrigo S.M., a de um(a) escritor(a) e “intelectual brasileir(o/a) “bem intencionado”, mas que, por vezes, mostra-se com sua “inevitável prepotência competente”. Gotlib, ao elencar várias dificuldades comunicativas da linguagem de Macabéa, a persistir em uma cultura de almanaque simplória e para esta ainda inalcançável e incompreensível, demonstra-nos a chave dialética da obra: o intelectual (personagem CL/Rodrigo S.M.) diante do esforço para alcançar ou representar a moça miserável e pobre, em incompreensões e incomunicabilidades.

As demais personagens que convivem com Macabéa detêm o poder do discurso e do diálogo (Glória, Olímpico, Madama Carlota, entre outras), enquanto a protagonista não tem uma fala que se configure como construção da cidadania do ser na metrópole. Macabéa, portanto, não vive, mas pulsa, respira, como uma “estrela”, a apresentar nos seus lampejos, inúmeras “explosões” e mortes. Macabéa, por não compreender os signos culturais do mundo urbano, deslumbra-se e até os elementos estético-narrativos no romance são em ritmo de nonsense, kitsch ou grotesco, ou seja, dessacralizadores:

Somem-se a isso os pormenores grotescos do kitsch: Olímpico, o namorado, o que fala por clichês e quer ser deputado, orgulha-se de seu dente de ouro; Macabéa, além da dor de dentes, sente uma dor generalizada pelo corpo franzino; e a cartomante, dona Carlota, usa dentaduras postiças e enfeita a casa com plástico: poltronas, sofás, flores. O que Macabéa acha um “luxo”. (GOTLIB, 2017, p. 191)

Gotlib aponta para a visão autoral de Rodrigo S.M. como intelectual que, por vezes, vê a classe baixa, de modo superior e arrogante (como “gentinha” ou “zé-povinho”) a consciência crítica provém justamente desse jogo metanarrativo que revela seus disfarces.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Assim, essa sofisticação da escritura opera de modo a abarcar no metatexto “o folhetim” e direciona um caminho “com lúcida e perplexa consciência crítica, luxos narrativos de ‘história em technicolor’ a que este Rodrigo e esta Clarice implícita – não ficou imune”. (p. 192) Percebe-se aqui que a relação Rodrigo S.M. e personagem CL não é só de autoria desdobrável, mas de confronto com a protagonista e sua condição de miserabilidade e marginalidade. Enquanto Rodrigo S.M e CL buscam a palavra como recurso de linguagem mais elaborado, restos do discurso de Macabéa pouco compreensível confrontam-se e esgotam-se, na narrativa, pela via do texto e metatexto e da autoria dupla, concêntrica, em espiral.

Em 2017, temos o aniversário de 40 anos de publicação do romance HE e Nolasco (2018), no ano seguinte, organizou uma coletânea de artigos bastante esclarecedores sobre um dos romances mais bem-sucedidos de CL. Há uma parte intitulada “A política em Clarice Lispector” e nesta temos quatro textos que explicitam o engajamento político de Lispector, em sua carreira e notadamente em HE. Dois textos examinam a intelectual CL e sua postura política, ao longo de sua carreira como escritora: o de Medeiros e Nolasco (2018), que se intitula “Representações dos intelectuais brasileiros Clarice Lispector e Silviano Santiago”, e o de Marques e Nolasco (2018). O artigo de Medeiros e Nolasco, no plano da criticidade e nos níveis da interpretação e da linguagem acadêmica, apresenta um aprofundamento teórico-crítico, notando que CL, ao criar Rodrigo S.M. na narrativa, constrói uma personagem de si mesma para ecoar dimensões metatextuais que confrontam com a vida da protagonista Macabéa, desprovida de qualquer papel social, marginalizada e neutralizada, na história. A voz da protagonista inclina-se a uma perspectiva alienadora, porque o outro para Macabéa é a insistência de tudo que ela não é, da negação de si mesma; potencializam-se, assim, a anulação e a trajetória ou ritual de morte da protagonista.

Qual é a perspectiva política mais trabalhada, na obra de CL? O lado radical de CL está na construção da palavra e, como pensa Santiago (2008), “é um mergulho na matéria da



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

palavra”. O que se nota aqui é que o caminho crítico-filosófico, ao longo de décadas, traçado por Nunes, para analisar a obra ficcional de CL, é proveitoso e mais do que expressivo, sobretudo pelo viés de denúncia social de HE, através da própria e dramática linguagem (1989), do discurso e da palavra enquanto gestos tortuosos e agônicos da existência humana. Medeiros e Nolasco afirmam que, a partir de HE, CL está “mudada, transformada” (p. 152). A protagonista Macabéa também reflete uma mulher brasileira periférica, estrangeira na sua própria terra, “deslocada, fora do centro”, “expurgada e às margens” (p. 152), mas se essa protagonista não pode “gritar” e porque há “O direito ao grito” (até em um dos treze títulos do romance), há Rodrigo S.M e a personagem CL que podem gritar “por” ela, para que esta possa transformar sua realidade e mudar.

Borelli (apud Santiago, 2018) declarou que CL não foi nitidamente engajada, nas perspectivas político-sociais, ao longo de sua carreira, porque esta acreditava mais no “fazer” do que no “escrever”, porque esses problemas sociais no Brasil eram tão básicos e óbvios para CL que esta não conseguia escrever sobre o assunto, daí surgirem fotos<sup>6</sup> de participação de CL, em passeatas no regime militar. Ocorre que CL provocava uma espécie de entrechoque revolucionário com as palavras, no plano filosófico-existencialista, que chegava a potencializar, ainda que em segundo plano, o discurso político-social. Para Santiago (2018), no artigo “A política em Clarice Lispector”, temos uma CL que se revela, no ativismo político, na perspectiva “pessimista” e “apocalíptica”, no plano da escrita ocorre a inversão, temos a “utopia” e o “otimismo”. (2018, p. 155). Medeiros e Nolasco afirmam que a personagem-autora CL e Rodrigo S.M., ambos projetados de modo autoral e duplo, além de permitir fazer com que Macabéa (“mulher”, paupérrima, “nordestina e miserável”, “estrangeira em seu próprio país”) consiga alcançar um rasgo de existência, podem cumprir o

---

<sup>6</sup> Neste mesmo artigo de Santiago (2018), fotos são registradas. Para apreciá-las, ler e ver: SANTIAGO, Silvano. “A política em Clarice Lispector”. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/blog/a-politica-em-clarice-lispector/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

papel do intelectual, estampar dores e sofrimentos do outro, em uma terra toda construída contra esse “sujeito” coisificado.

Marques e Nolasco apontam algo relevante na vida de CL: sua carreira como jornalista, tão bem pesquisada por Aparecida Maria Nunes (2006), e ambos concordam que CL jornalista instiga CL ficcionista, na medida em que a escrita das crônicas e contos no jornal provocava-a a uma reflexão sobre os problemas sociais brasileiros e sobre nossa realidade política. Esses críticos mostram que HE é uma exceção, portanto, é um romance que, de modo não panfletário e sobretudo provocador, denuncia “injustiças sociais e políticas”. Rodrigo S.M., ao construir sua protagonista, também instaura a dicotomia autor-personagem, ou criador-criatura, mas revela-se um “escritor fracassado”, próximo da construção da “escritora falida” do conto-título “Onde estivestes de noite” (1974)<sup>7</sup>. Rodrigo S.M. metaforiza-se em Macabéa, que é “insignificante aos olhos de outros, ou melhor, nem ao menos a olham”, na sua incompetência “para a vida” (p. 161). Percebe-se aqui Macabéa, em um processo de assujeitamento, como já apontava Gotlib (1989, 2017), vivendo numa sociedade patriarcal toda contra ela e contra a própria mulher, sempre guiada e regida pelo “pensamento falocêntrico”.

A grande questão retomada é: que tipo de engajamento político produz CL, nos anos 70: na ação política da escritora ou no texto de CL? HE, assim, torna-se uma obra radical e revolucionária, por potencializar, no discurso e na linguagem do romance experimental, a detecção de vozes silenciadas, apagadas e mortas. A personagem CL também se projeta em Macabéa, porque ambas tentam não ser silenciadas pelo poder institucionalizado e “hegemônico”. Macabéa, mesmo sem voz, revela um caminho radical e tortuoso da luta contra a opressão, o preconceito contra os migrantes nordestinos nos grandes centros, os trabalhadores e suas culturas submissas.

---

<sup>7</sup> Este volume de CL também apresenta reflexos da escrita do gênero crônica, que CL exercia no JB na época, inseridos no gênero conto.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Outra questão relevante é a do discurso do autor que se desdobra no romance (personagem-autora CL e Rodrigo S.M.). Notadamente, CL sempre fora muito discreta a algum tipo de militância de esquerda mais explícita ou sempre se esquivou de alguma tentativa de exigir dela uma posição mais explícita sobre seu engajamento político na vida e, sobretudo, nas suas obras literárias. Quando indagada sobre o papel do escritor, naquela época, no final de 1977, na entrevista com Lerner, CL diz que o escritor daquele momento deveria “falar o menos possível...” (2007, p. 25), expor-se menos. A leitura dessa resposta poderia levar a uma crítica em relação ao papel do escritor, que supostamente deveria ser mais atuante politicamente. Porém, observamos que o foco da leitura da entrevista deveria ser outro, quando CL revelava que o mais importante sobre o trabalho da escrita não é ser escritora profissional, porque preferia ser amadora, para manter sua liberdade. Ainda que não fosse “amadora” *stricto sensu*, essa postura diante da condição da autoria mostra um engajamento político de acordo com o engajamento proposto por Sartre (1993), que se pauta pelo livre pensar e reflexão coerente. Em 1976, portanto, um ano antes, ao conceder no MIS uma entrevista a Marina Colasanti, Affonso Romano de Sant'Anna e João Salgueiro, CL previamente demonstra essa posição de liberdade e compromisso com a literatura e seus leitores:

JOÃO SALGUEIRO: Você faz [conferências, palestras] isso em caráter profissional?

CLARICE LISPECTOR: É, eu não gosto muito. E por falar em profissional, eu não sou escritora profissional, porque eu só escrevo quando eu quero”. (LISPECTOR, 2005, p. 165)

Barbosa (2001), ao estudar questões da autoria como procedimento narrativo, em algumas obras de CL, explicitamente em HE e *Um Sopro de vida (pulsações)* (1978), também apontou problemáticas ligadas às relações de poder entre as personagens, as personagens-autores e os narradores, tendo como ponto de partida tensões entre os discursos feminino e masculino (Rodrigo S.M x personagem CL, em HE) e (Autor x Ângela Pralini, em



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

SV). Essas oposições demonstram que a sociedade brasileira representada, nesses e em outros textos de CL, vive sob a égide da hegemonia patriarcal, que representa as vozes criadas por um autor masculino sobrepondo-se às autorias e personagens femininas. Sobre essa última oposição, mesmo diante de uma mesma condição social de miserabilidade (Olímpico de Jesus x Macabéa), há conflitos na ordem do diálogo entre as personagens. A protagonista provoca o desmascaramento do jogo de disfarces, na (in)comunicabilidade de Olímpico, porque este apresenta dificuldades de interagir, através de um diálogo supostamente letrado, proposto, de modo inconsequente, por Macabéa, que recebe, sem compreender, a cultura de massas a conta-gotas através da Rádio Relógio. Sentindo-se pressionado, Olímpico ataca e humilha Macabéa, com a construção de cenas grotescas e rebaixadas, que perpassam, na narrativa, o risível e o cômico. O autor ou personagem masculino, porém, sempre terá, no final, essa sobreposição discursiva já “dessacralizada” e “diminuída”, o que demonstra que CL constrói e comanda, de modo muito perspicaz, seu discurso feminino e feminista.

No entanto, a ironia e a paródia subjacentes em *A Hora da Estrela* revelam que o narrador todo-poderoso não é nem emocionalmente forte, nem movido por sentimentos elevados. [...] Ainda que *A Hora da Estrela* e *Um Sopro de Vida* sejam os textos em que Lispector enfoca a política de autoria, outros casos de coerção linguística são também percebidos em muitas outras das suas narrativas. (BARBOSA, 2001, p. 100, 102)

## Os papéis e as digressões de Rodrigo S.M.

Retomando, há, em HE, três papéis do narrador: 1º) o de narrador propriamente dito; 2º) o de personagem e o 3º) personagem-autor. Cada papel reflete processos, em alguns níveis da narrativa. Por exemplo, o narrador está ligado ao ato de contar a história e a dispositivos do enredo e observamos os dêiticos em 3ª pessoa, ou melhor, uma ausência de dêiticos da 1ª pessoa. Já a personagem Rodrigo S.M. busca revelar-se, de modo mais pessoal e emocional, na história narrada, aparecem aqui expressivas as marcas da 1ª pessoa. Por fim, o personagem-autor liga-se ao nível metalinguístico do texto, porém a narrativa de CL é tão



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

múltipla e alinear que essas atitudes mesclam-se, de modo difuso. A construção do narrador que se desdobra e se esconde em outros papéis é uma estratégia narrativa bem elaborada e vigorosa, que visa demonstrar que a escrita está ligada ao fantasioso e também ao processo de metalinguagem. A digressão inicial desse narrador, através de subterfúgios de adiamento, paralisia e prolongamento da sua narração inicial, mostra uma dificuldade de tratar a matéria para explorar questões sociais, Rodrigo S. M. procura, atribuladamente, transformar o ato de contar a história de Macabéa em uma narrativa aberta e com efeitos discursivos e narrativos plurais.

Rodrigo S.M. “parece” comandar o ato narrativo, mas, com o domínio ficcional da personagem-CL, aquele é, de fato, comandado pelo exercício e experiência da compaixão e comunhão com sua protagonista. Barbosa aponta essa via-crúcis de Rodrigo S.M., como forma solidária de o criador aproximar-se de sua criatura:

Para se preparar ele come frugalmente, tranca-se num quarto pequeno, abstém-se de sexo e futebol, fica maltrapilho e nu e não faz a barba durante vários dias. Purificação é essencial para Rodrigo transformar fatos em experiência criativa. (2001, p. 100)

Ainda que Rodrigo, como personagem, construa um discurso narrativo masculino, esse percurso é criado por uma voz feminina: “na verdade Clarice Lispector” (LISPECTOR, 1977, p. 7). Há um viés irônico do disfarce do discurso masculino que é desmascarado e revelado, através da ironia e da complexidade de jogo de subjetividades interpostas e intercambiáveis. Quem é, de fato, o narrador da história, a interferir e controlar os mecanismos da narrativa? Rodrigo S.M. ou o personagem-autor CL? O primeiro constrói uma espécie de discurso metalinguístico inicial no qual a história de Macabéa perde um pouco a sequenciação, a objetividade e a centralidade do enredo voltado à protagonista, e o personagem-autor-narrador divide o espaço com a protagonista. Esse efeito é bem articulado para criar expectativas no leitor, de modo a mostrar Macabéa aos poucos, descortinando a protagonista. A personagem-autora CL não só implode o discurso do narrador-autor, na



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

dimensão narrativa do romance HE, mas também amplia a própria noção de narrador, que assume os papéis de autor e de personagem e prepara o leitor para a dimensão trágica final, quando se chega ao silêncio da narrativa, com a morte do narrador, após a morte da protagonista. Narrar no limite da morte, narrar para não morrer como Sherazade em *As mil e uma noites*<sup>8</sup>, mesmo que no final o narrador não tenha podido construir sua identidade.

Sobre essa aproximação entre o ato de narrar e a morte, Guidin elucidá-nos: “desmascarar, dividir, desfazer a ficção: em todos os casos há o esvaziamento da identidade – um recurso destrutivo muito próximo do sentido da morte”. (GUIDIN, 1997, p. 49) O narrador Rodrigo S.M., ainda que seja um personagem-narrador-autor masculino, não deixa de mostrar-se como disfarce da voz feminina, em estratégia narrativa de desmontagem. Perde espaço, pontual e de modo contundente, para a voz feminina da personagem-autora CL, que se mostra ainda como uma espécie de “farol” narrativo, aquém e além, a instaurar os (des)limites da narrativa, demarcando pegadas falsas desse narrador. A narrativa de HE, ao construir um narrador desmontado, “artificial” e fragmentado, sustenta a construção de efeitos metatextuais não como suposta força do narrador, mas como reveladores da sua “fraqueza”. Diante de tantos papéis narrativos e sequer dominando um, do ponto de vista do poder do discurso narrativo, o narrador é descentrado, desarticulado e revelado, nas suas entranhas diegéticas e metadiegéticas o tempo todo. De fato, quem comanda a narrativa é a personagem-autora CL, através das plurais vozes dialógicas do texto romanesco, a construir uma narrativa paródica com vieses grotescos (BAKHTIN, 1997).

Nos romances e contos psicológicos de CL, o uso do discurso indireto livre e da onisciência seletiva são recursos recorrentes, ainda que a autora trabalhasse efeitos próprios. A experiência da subjetividade só pode ser construída a partir da criação das vivências das

---

<sup>8</sup> Pode-se remeter aqui ao exercício narrativo do conto “A quinta história”, de *A legião estrangeira* (1964), quando CL já utilizava esses jogos narrativos de recontar uma mesma história sob diversos ângulos de visão e com perspectivas e efeitos diferenciados, recuperando o sabor da história contada na oralidade desde os primórdios e no jogo ficcional de Sherazade, em *As mil e uma noites*.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

personagens e de uma visão íntima das figuras centrais dos romances e contos modernos. Em HE, essas estratégias narrativas mostram novas posições e ângulos narrativos; porém, ao criar um narrador-personagem que também apresenta problemas existenciais, o conflito entre as figuras instaura crises de toda ordem. Há, no mundo moderno, um desconforto e uma tentativa de reinstaurar e remodelar os papéis e as vozes das pessoas, através dos vários meios de comunicação de massa, fazendo com que estas possam encontrar “a consciência e a identidade” (GUIDIN, 1996, p. 47); porém, essas tentativas são falseadas e fracassadas. Rodrigo S.M., ao morrer junto com Macabéa, de modo agônico, não está se conectando com a “estrela de cinema” que, no final se propaga, mas dispersando-se como um recurso da narrativa, dominado pela personagem-autora CL.

Onde nasceu a compaixão pela nordestina? Onde se instaura a gênese do engajamento político de CL ou da personagem-autora CL em HE? Tais questões nos remetem a dúvidas sobre o posicionamento político de CL. Se HE é uma resposta de urgência, discordamos da visão de Guidin, que não vê “a mão firme do engajamento político, tão reivindicado por alguns grupos das décadas de 60 e 70” (1996, p. 72), pelos seguintes motivos: 1º) a visão política de CL está na construção de Rodrigo S.M., um personagem-autor que, mesmo que pertença à classe média e seja um pequeno-burguês, encontra-se na narrativa para construir seu olhar de compaixão e solidariedade voltado à Macabéa e a todos os migrantes nordestinos, nos grandes centros, “humilhados e ofendidos” e sem perspectiva de inserção no espaço social, a todos os excluídos; e 2º) assim, Rodrigo S.M., como espécie de efeito do narrador desdobrável, reflete as posições políticas de CL, que antes da gênese do conto “Mineirinho”, colocava-se ao lado e próxima dos marginalizados e miseráveis.

Adorno (2003, p. 55-63) analisa, no ensaio “Posição do narrador no romance contemporâneo”, a categoria do narrador e vários aspectos do romance moderno. Para Adorno, a partir de Cervantes, em *Dom Quixote*, há “a experiência do mundo desencantado” e, com o romance moderno, a subjetividade arruína “a objetividade épica”, ocorrendo a



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

“desintegração da identidade da experiência”, e, nesses descaminhos da “alienação” e dos enigmas humanos, busca-se a “decifração da vida interior”, havendo uma “extrema dissolução subjetivista”. Há uma nítida encruzilhada para os narradores: não se “poder” narrar no romance moderno e, ao mesmo tempo, a forma desse gênero exige narração. Tem-se o processo de fragmentação da prosa e, com o narrador moderno, funda-se o “espaço interior”, há uma ruptura da “pura imaginação da forma”, com pensamentos e reflexões inovadoras, opondo-se ao falseamento da “representação”. Ao analisar a prosa kafkiana, reflete que há nela “sarcasmo sangrento”, em “ameaça de catástrofe”, é preciso aprofundar-se e não ficar na superficialidade, nas aparências, mas quedar-se nas essências, em uma negatividade positiva de revelar os seres modernos, ainda que seja difícil, ainda que demonstre muitas limitações e “impotências”. O ser moderno tem fragilidades e o romance moderno é, para Adorno, uma “epopeia negativa”; está nas ambivalências e “ambiguidades” entre a “barbárie” e a “civilização”. O prazer do leitor é investigar esse “abandono”, esses corpos dissonantes, resgatados do “horror”.

Além de ocorrer em HE várias subjetividades em crise e mescladas, e vozes plurais e conflitantes com relação ao gênero construído por CL, há dúvidas se CL construiu romance ou novela. A crítica especializada, ainda que a autora tenha escolhido denominá-lo “novela”, tem analisado HE como romance, dado o número de efeitos literários complexos e a pouca repetição de sequências narrativas. Teria a autora trabalhado com o típico romance regionalista e quais gêneros e subgêneros CL criou, em HE? Guidin (1996, p. 73) detecta a construção do “romance regionalista neorrealista”, mas essa classificação é reducionista, já que temos a perspectiva do romance psicológico evidenciada em toda a carreira de CL e também em HE. A priori, é relevante salientar e retomar o que CL já afirmara, em *Água viva* (1973): “Inútil querer me classificar, eu simplesmente escapulo, gênero não me pega mais” (LISPECTOR, 1973, p. 12). Considerando que o romance psicológico construído por CL apresenta aspectos regionais fortes, o texto romanesco construído pela autora em HE é



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

romance psicológico com fortes perspectivas regionalistas, porque o teor “regional”, nesta obra de CL, ainda que seja central, não se sobrepõe ao psicológico; ambos caminham juntos, tendo-se uma nítida sobreposição da perspectiva psicológica pela experiência literária da autora ao longo de décadas.

Em ponto de vista comparativo, podemos aproximar HE, de modo exemplar, a *São Bernardo*, de Graciliano Ramos (1996), mas verificamos que neste, de modo especular, há a criação de um romance regionalista com fortes perspectivas psicológicas.

Mesmo no final da carreira, CL não se desvincilhou do exercício da onisciência seletiva<sup>9</sup>, tão marcante na escrita do romance psicológico, pois a autora demonstra sempre saber realizar a costura interna das personagens como experiência significativa e simbólica. Assim, também discordamos de uma vertente crítica que vê Macabéa como um ser no qual há “perda da identidade” (Guidin, 1996, p. 74) ou ausência da “capacidade” de “introspecção”. Ainda que Macabéa seja um ser alheio à sua existência, notamos que existem tentativas árduas do narrador de mostrar internamente o que Macabéa pensa, sente, deseja, e, sobretudo, como esta se comporta, até para construir a onisciência da protagonista. Ainda que o narrador afirme que Macabéa seja “oca”, sabemos que dentro dessa “cabeça” da personagem central, que se desestrutura e se mostra desconectada dos mundos cultural, urbano e social, há algo a ser constatado, investigado e narrado, de modo mais internalizado pelo narrador, pois este busca erguer uma protagonista com voz existencial ainda que mínima. Mesmo metaforizada em “capim” e na sua “cabeça oca”, em uma subjetividade praticamente nula, Macabéa sobrevive delineada e devastada pelo narrador como sujeito e não só como objeto da sua escritura.

---

<sup>9</sup> Tal conceito encontra-se, no texto teórico intitulado “O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico”, de Norman Friedman (2002, p. 166-182); trata-se, ao lado da onisciência seletiva múltipla, de um dos tipos de foco narrativo mais utilizados por CL, em seus romances, contos e crônicas, quando o narrador devassa os pensamentos das personagens, instalando-se na “mente” destes, revelando desejos, sentimentos e todo tipo de dado interno. O efeito do discurso indireto livre, que é uma mescla da 1ª e 3ª pessoas também é um procedimento muito marcante, neste tipo de ponto de vista. Ver Trad. de Fábio Fonseca de Melo. *REVISTA USP*. São Paulo. N. 53, p. 166-182, mar-mai/2002.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Voltando ao capim. Para tal exígua criatura chamada Macabéa a grande natureza se dava apenas em forma de capim de sarjeta — se lhe fosse dado o mar grosso ou picos altos de montanhas, sua alma, ainda mais virgem que o corpo, se alucinaria e explodir-se-lhe-ia o organismo, braços pra cá, intestino para lá, cabeça rolando redonda e oca a seus pés — como se desmonta um manequim de cera. (LISPECTOR, 1977, p. 96-97)

Ainda que quase não se sustente, é essa subjetividade em crise da construção da protagonista Macabéa por parte de Rodrigo S.M que nos instiga à investigação analítica, no estudo do romance.

## Macabéa: a protagonista grotesca de CL

Sobre a história de Macabéa, esta dividia um quarto com suas quatro companheiras denominadas “Maria da Penha”; “Maria Aparecida”; “Maria José” e “Maria apenas” (p. 39); situa-se nessa condição social menos favorecida e que reflete a simplicidade da vida dos excluídos e despossuídos do nosso país e a letra de música “Maria Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant<sup>10</sup>, ecoa, de modo intertextual e alusivo, no romance. Ao sentir fome com intensidade, chegava a pensar em “coxa de galinha”, mas a realidade é que mastigava “papel bem mastigadinho” e engolia-os. (p. 39) Tinha como colega de trabalho a estenógrafa Glória, loira oxigenada, cujo pai era açougueiro e possuía melhores condições sociais, o que despertou Olímpico de Jesus, namorado de Macabéa, a desejar a rival. Glória rouba Olímpico de Macabéa e propõe à moça uma ida à cartomante Madame Carlota. Na consulta, há dois momentos conflituosos, quando esta descobre inicialmente todos os infortúnios e dramas de Macabéa, mas, em seguida, decide poupar a protagonista e dizer que Macabéa se casaria com um alemão rico de nome Hans. Assim, na saída da cartomante, em final tragicômico, é atropelada pelo mesmo homem, que dirigia um Mercedes amarelo.

---

<sup>10</sup> Ouvir NASCIMENTO, Milton et al. “Maria, Maria”. Intérprete: Milton Nascimento. *Clube da esquina 2*. São Bernardo do Campo: EMI-Odeon, 1978. 2 LP. Disco 2, lado B, faixa 2.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

O narrador Rodrigo S.M, no meio do seu relato, revela que necessitava “tirar vários retratos dessa alagoana” (p. 45). A partir dessa revelação, notamos que Macabéa é construída como uma “colcha de *retratos*”, em estilo *patchwork*, cheia de pequenas cerzaduras tortuosas, por vezes metaforizada em inexpressivas e sombrias naturezas mortas e esquecida em museus urbanos. Este nos afirma: “se houver algum leitor para essa história que ele se embeba da jovem assim como um pano de chão encharcado”. (p. 45) Por vezes coisificada através de metáforas e comparações com objetos degradados, para caracterizá-la, necessitamos de um exercício do olhar miúdo que investe nesses retratos e fragmentos grotescos de vida da moça, cujos momentos são, formalmente ainda que de alta prosa poética, do ponto de vista do conteúdo, um exercício e experiência da culpa tantas vezes ressentida e recalçada nos veios metanarrativos, que escancaram a condição social burguesa do narrador e evocam a das classes mais abastadas e da elite do país pelos sofrimentos dos excluídos e despossuídos, nas sociedades capitalistas do final do século XX a ecoarem até os dias atuais.

O grotesco na literatura ganhou mais destaque no século XIX e XX com os estudos teóricos de Victor Hugo (1972), Wolfgang Kayser (1964) e Mikail Bakhtin (1997). Os dois primeiros descrevem e explicam os elementos do monstruoso, da mescla do animal e do humano, do terror, do noturno, entre outros aspectos de dimensão romântica, sendo que Hugo apresenta a diferença estético-oposicional entre o grotesco e o sublime. Já o terceiro, sobre a cosmovisão carnavalesca, basilar para compreender o romance polifônico, explicita os conceitos teóricos integrados e estruturados, no realismo grotesco, e recupera e retoma os textos antigos e medievais, como a sátira menipeia e o “diálogo socrático.

O romance europeu, segundo Bakhtin (1997), apresenta sua evolução do viés épico, passando pelo retórico e o carnavalesco. A literatura carnavalesca ocorre nos mais variados elementos, do sensorial ao simbólico, transfigurados para a linguagem literária. São quatro categorias dessa cosmovisão interligadas: “familiarização, excentricidade, *mésalliance* e profanação”. A atitude carnavalesca central é a “coroação bufá” com o destronar do “rei do



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

carnaval”. Há um festejar do tempo, com mutações cíclicas, “morte e renascimento”, “destruição e renovação”, isto porque “o carnaval aproxima, reúne, celebra os esposais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo etc” (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Há alguns vieses do realismo grotesco propostos por Bakhtin. Se por um lado, há um viés baseado na construção de algo destruído, rebaixado ou degradado, por outro, há o do risível e o da diversão. Este é o que dá fundamento aos conceitos bakhtinianos de polifonia ou romance polifônico, quando temos no interior do texto romanesco um acúmulo de vozes plurais, múltiplas e difusas, com uma certa dificuldade de o leitor identificá-las e processar a origem dessas falas cômicas, transgressoras e festivas.

As condições físicas e sociais da protagonista Macabéa, como já constatado na gênese da obra pela própria CL em sua entrevista com Lerner (2007), são a de uma pobre migrante nordestina provinda do “Sertão de Alagoas”, órfã de pais “aos dois anos de idade”, nascida “inteiramente raquítica” e criada pela “tia beata” e que lhe batia com “cascudos na cabeça”. Na digressão inicial de Rodrigo S.M., consta que escrevia “muito mal” e só “possuía o terceiro ano primário”. Sua ignorância a fazia soletrar e copiar as letras do alfabeto uma a uma, sendo que a tia pôde lhe oferecer o curso de datilografia, o que alçou a personagem a um patamar menos inexpressivo. Contudo, Macabéa situa-se no que hoje conhecemos como “analfabetismo funcional”<sup>11</sup> (Ribeiro, 1997), copista que lê e datilógrafa mas não compreende as palavras e muito menos consegue interpretá-las, o que repercute no leitor um risível ar grotesco infantil.

Efeito estético expressivo é a protagonista ser construída através de pequenos retratos e fragmentos jocosamente grotescos: vista pelo narrador como “virgem e inócua, não faz falta

---

<sup>11</sup> Sobre o conceito de “analfabetismo funcional”, considerar a visão teórica de Vera Massagão Ribeiro, no artigo “Analfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa” (1997). Ver Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a8.pdf>> Acesso em: 30 nov. 2019.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

a ninguém” (LISPECTOR, 1977, p. 18) Vivia Macabéa numa “vaga de quarto”, na “áspera Rua do Acre”, em um “velho sobrado colonial” (p. 37), perto do cais do porto, dividido “com quatro moças balconistas das Lojas Americanas”; e trabalhava, na “Rua do Lavradio”. Chama-nos à atenção o substantivo, nome próprio, “Acre” (cujo significado retoma algo, como o próprio narrador diz, “áspero” ou “amargo”, “amargura”), o que demonstra a vida da protagonista dotada de dificuldades e sofrimentos de toda ordem, essa “amargura” ou “aspereza” reflete a de milhares de moças nordestinas perdidas no mundo urbano, situando-se às bordas desse mundo, às margens da cidade do Rio. Macabéa é uma protagonista a lutar para situar-se e encontrar-se, mas a cidade do Rio era “toda contra ela” (p. 19).

O narrador relata que, como Macabéa, havia “milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa” (p. 18). A condição social da protagonista de HE é a da problemática de classe, são milhares de miseráveis que trabalham à exaustão na luta pela sobrevivência diária minimamente digna e muitos encontram-se à margem, por não se encaixarem nas engrenagens do sistema capitalista.

Outro retrato da protagonista é a de um desses seres anônimos que observamos não só no Rio mas nas grandes cidades; Macabéa, além de não ter consciência de classe, apresenta-se em processo de alienação, demonstrando uma visão existencial mínima, pois Rodrigo S.M. revela que Macabéa vivia “à-toa” (p. 20), ou seja, sem tomada de consciência dessa falta de condições de vida e numa existência totalmente apagada: “Se tivesse a tolice de perguntar-se: ‘quem sou eu’ [Macabéa]. Cairia estatelada no chão”. (p. 20)

Ainda sobre a questão da existência, há várias cenas de Macabéa diante do espelho; em uma delas, o próprio narrador se vê junto com Macabéa, “com o rosto cansado e barbudo”, posto que é rejeitado por várias classes sociais e sente-se “marginalizado”; em outra cena especular, uma das mais expressivas, deparamo-nos com um desses pequenos retratos meticulosamente construídos por CL, na qual Macabéa olha-se, em “um espelho



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

ordinário” e inicialmente não se vê, ou seja, não havia reflexo, sua imagem e existência ecoada são vazias. Depois, ao tentar mais uma vez olhar-se, sua “cara” está toda “deformada”, “o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão”. Ao olhar-se, pensa rapidamente: “tão jovem e já com ferrugem” (p. 32). Notamos que, nessa cena impactante e em tons grotescos e clownescos fortes (ARÊAS, 2005, p. 74-108), há sobretudo a dimensão social da protagonista, cuja ferrugem do corpo é a do ser inapto, sem utilidade para o sistema, já que seu ser se mostra análogo ao processo de envelhecimento dos metais corroídos pela umidade, ou seja, sem utilidade, sem encaixe social.

Outro retrato de Macabéa, cuja estética grotesca é direta e impactante, perfaz a vida solitária da moça, que dormia só e não tinha a quem abraçar à noite; virgem, nota-se que a carência é, não só social mas sobretudo afetiva, em tom tocante e pungente. O narrador aponta que, ao dormir, a protagonista vestia “combinação de brim”, que apresentava “manchas suspeitas de um sangue pálido” (p.30), na sua roupa, prováveis símbolos de uma maturidade feminina desconhecida para a moça. O adormecer de Macabéa associa-se metaforicamente a uma morte explosiva e em câmera lenta, que ocorre efetivamente durante toda a diegese do romance, um viver sofrível e dotado de uma desatenção social comovente. No frio do inverno, ao dormir, além da “boca aberta” por ter sempre “nariz entupido”, “enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio calor. Dormia exausta, até o nunca” (p. 30).

Ao ser metaforizada em “cadela vadia” (p. 23) e “teleguiada exclusivamente por si mesma.” [...] uma vez que “reduzia-se a si.” (p. 23), o narrador constrói um retrato da protagonista com matizes grotescos intensos, de um dos seres mais solitários e desprezados pela sociedade: a marginal ou animal que vaga na rua e ainda reproduz também outras “crias” e, sobretudo, negadas socialmente como ele, a cadela de rua, esta pode ser associada simbolicamente ao exercício da prostituição e outros espaços da marginalidade. Tal constatação do narrador é, de fato, muito expressiva e dramática porque Rodrigo S.M., por ser pequeno-burguês, mostra certo conflito de classe em relação à sua protagonista, porque a



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

condição social da pobreza projeta-se nele como um problema, e esta estrutura-se, na narrativa, a partir da digressão inicial. A “pobreza”, segundo o narrador, é “feia e promíscua”. (p. 28), ou seja, as causas éticas da condição social de Macabéa apresentam-se, dentro de uma ordem estética degradada. Cabe lembrar que não é Macabéa “feia e promíscua”, mas sua condição social.

O anonimato e uma espécie de total irrelevância de Macabéa para a sociedade são de teores existenciais tão esvaziados que a protagonista se associa a um ser vivo qualquer, que apenas respira. Portanto, quase não há praticamente uma condição social ou mesmo humana de sobrevivência, mas a vida inexpressiva de um corpo vivo no planeta, por vezes esquecido em qualquer espaço, o que não deixa de ser uma questão social difusa. Macabéa vivia em um “limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando” [...] “O seu viver é ralo. Sim.” (p. 30)

É importante recuperar, teórica e criticamente, as noções basilares de Antonio Candido, em seu ensaio “O discurso e a cidade”, no item “Degradação do Espaço” (1998, p. 55-94), evidenciamos a análise literária do romance *L'Assommoir* e sua protagonista Gervaise, de Émile Zola. Para o crítico, há espaços homólogos e metafóricos em relação à vida dessa personagem central (cortiço/abatedouro e hotel/hospital), bem como o olhar desta é descrito através de metáforas fluidas e líquidas. Há um pleno cruzamento pelo deslocamento metafórico de sentido, e a hipérbole “a umidade chove” constrói-se interpenetrando-se diversos estados da água. A protagonista de Zola é “uma espécie de náíade presa nas malhas da civilização urbana, suspensa entre mundus e immundus” (p. 65). O processo de decadência de Gervaise é bastante detalhado, diegeticamente, no romance naturalista de Zola, havendo uma “descida a círculos infernais” (p. 69). O espaço degradado apresenta uma correlação entre personagem e espaço, este reflete a alma da protagonista; o grotesco é pulsante e estruturador desse espaço labiríntico que vai se fechando contra Gervaise, a ponto de aprisionar-se no final, em um cubículo assustador. A partir desse estudo basilar de



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Cândido, CL provoca-nos a repensar e retomar o espaço do cais do porto como reflexo da falta da condição social de Macabéa, no ponto limítrofe praticamente fora da cidade, o que demonstra a protagonista jogada em uma vaga de um casarão colonial antigo, “quarto” dividido com outras quatro “Marias”. Para desfrutar esse mínimo espaço que mal consegue sobreviver, essa protagonista até ao chefe mente que teria que “arrancar” um “dente”, mas desejava mesmo ter o quarto só para ela, pelo menos uma vez.

Quase contraditoriamente, Macabéa tinha uma “dor de dentes” “levíssima” e “constante”, denominada de “dentina exposta” (p. 30), e a sua cara era “estreita e amarela” “como se ela já tivesse morrido”. E conclui: “E talvez tenha”. (p. 30). Aqui notamos que o retrato social é mais marcante no aspecto que constata os problemas físicos da protagonista que reverberam no paradoxo vida/morte, a expressar dores e sofrimentos diários da protagonista como reflexos de uma existência difícil e com total falta de recursos: não havia condições de Macabéa cuidar dos dentes e nem ir ao dentista. Outros problemas físicos expostos pelo narrador são: “pequenos óvulos tão murchos. Tão. Tão” (p. 41), cuja advérbio repetido “tão” ecoa a construir o retrato da sua “pequenez”; seu “corpo cariado” (p.43), metaforizado em “um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal” (p. 45); “tinha enjojo para comer”, que provinha porque desde a infância soubera que “havia comido gato frito” (p. 49).

Outra repetição de termos, em especial na parte inicial do romance, é a de termos negativos, já apontados por Gotlib (2017). Podemos complementar ao evidenciar que essas denegações mostram Macabéa como despossuída, um ser que se sustenta pela “carência”, protagonista com total falta de recursos e sem condições de vida e de mínima sobrevivência, lutando na lida diária sem quase ajuda do outro, a viver da compaixão e da sua “delicadeza” por parte de estranhos, como a compaixão do seu chefe, que adiou sua demissão. Porém, antes dessa compaixão, em diálogo, o chefe havia detectado que esta não desempenhava bem a



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

tarefa de datilógrafa e comunicou sua dispensa com “brutalidade”. Macabéa vive aos solavancos e assim é retratada pelo narrador:

incompetente para a vida [...] a moça **não** tinha [...] ela que parecia **não** ter sangue” [...] **não** sabia que era infeliz” [...] e agora parecia uma filha de **não-sei-quê**” [...] **não** tinha aquela coisa delicada que se chama encanto” [...] esse **não-saber**... [...] **não** sentia nada e as divindades lhe eram estranhas [...] ela **não** sabia qual era o botão de acender [...] **nunca** tinha tido floração. Minto: ela era capim [...] viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta **não** acabar [...] Rezava mas sem Deus, ela **não** sabia quem era Ele e portanto Ele não existia [...] de aparência era **assexuada** [...] julgava **não** ter direito, ela era um acaso [...] **não** acreditava na morte (LISPECTOR, 1977, p. 31-45, passim)

## Conclusão

Notamos que existe uma certa tensão dialética do narrador Rodrigo S.M., em seu movimento de aproximar-se ou distanciar-se da protagonista. Ao mesmo tempo que o narrador apresenta compaixão pela sua protagonista, sofrendo junto com Macabéa até para entender seus infortúnios e sofrimentos, no entanto por vezes ele se coloca distanciado e embrutecido por Macabéa não reagir e, de fato, às vezes até violento com sua protagonista “anestésica”, paralisada, alienada e apática, até para o narrador demarcar a sua condição pequeno-burguesa. Verificamos que aqui CL parece oscilar entre o ideal burguês do intelectual que duvida da sua posição de engajamento político disperso e problemático, enquanto, no plano real, de acordo com alguns depoimentos, verifica-se que a visão política de CL sempre fora a da posição mais voltada à luta social contra a exclusão e a favor dos “humilhados e ofendidos”. Em uma entrevista ocorrida depois da morte de CL, dada a Júlio Lerner, Borelli dá-nos a seguinte declaração bastante incisiva e pertinente para o nosso estudo:



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

*J.L.: Que entendimento?*

O.B.: Ela [CL] sempre tentou de alguma maneira solidarizar-se e compreender o sofrimento do outro. O problema social a angustiava. E tem mais, Julio... Ela sabia como doíam as coisas e quanto custava a própria solidão... (2007, p. 50)

Na entrevista que CL concedera ao próprio Lerner meses antes de morrer, ao indagar como era a produção da CL na adolescência, esta afirmava que era “caótica”, e CL complementa: “intensa... inteiramente fora da realidade da vida” (p. 21). Isso nos provoca a uma inclinação de CL desde sua maturidade como escritora, que sempre estava, de fato, preocupada com a vida real representada e figurada, completa, contextualizada e com os problemas da realidade social das pessoas e, em consequência, das suas personagens, ou seja, sem mistificação. Essa tensão dialética de (des)compromisso com a realidade, no final da entrevista, se intensifica quando CL, ao ser indagada sobre se seu trabalho como escritora “poderia alterar” “a ordem das coisas” e CL responde: “Não altera em nada... Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa... Não altera em nada...” (p. 25) E complementa com mais dúvidas, de modo ainda mais contundente, após a insistência de Lerner sobre os motivos de uma autora como CL escrever: “E eu sei? Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas... A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro, não é?” (p. 25).

Moretti (2007, p. 213-242), no seu ensaio “O longo adeus: Ulisses e o fim do capitalismo tardio”, reflete sobre as relações entre o romance psicológico moderno e o sistema capitalista. Para o teórico, a guerra não ocasiona “a crise” desse sistema, mas apenas sua expressão mais forte e nítida. O capitalismo expõe suas chagas quando revela que há mercadoria excedente e a outra crise de “oferta e procura”, pois há uma contradição na separação entre “produtos e produtores”. O neoliberalismo inglês sofreu, a partir do final do século XIX seus baques e retrocessos, com constantes crises e processos de industrialização



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

sufocantes que confluíram para a monarquia imperialista, pois o papel regulador do Estado inglês é imperativo, paradoxalmente, em uma sociedade de “atraso” e “parasitária”.

Ainda para Moretti (2007), Joyce, em seu *Ulisses*, na paródia de Bloom, revela o “declínio”, o “retrato cínico da sociedade vitoriana” e uma sociedade inglesa “condenável”, com seus “piores traços”, na ambivalência da “perspectiva futura” de “mediocridade atrasada”. Na visão analítica de Moretti do romance de Joyce, não há “classe dominante inglesa digna de nomes”, nem mesmo uma “cultura hegemônica”, mas sobretudo uma “incapacidade dos mecanismos econômicos de mercado de garantir o funcionamento orgânico da sociedade” (p. 224). *Ulisses* paródia Bloom e este a *Ulisses*, numa ausência de ordem, no desvario das “ironias” e das “distorções”. Ainda em Joyce, “mito e história” complementam-se, neutralizados e equiparados. Ainda que *Ulisses* da antiguidade clássica tenha estabelecido “a ordem racional do comércio e da individualidade livre”, Bloom é resultado da “dissolução dessa ordem e dessa individualidade”. O efeito literário do fluxo de consciência é uma tentativa de revelar as fronteiras do ser moderno, que está em crise entre os espaços “de dentro e de fora”, “do interno e do externo”, e, naquele momento, já estava tudo indistinto. Para Moretti e citando as explicitações de Umberto Eco (p. 228-229), o conceito de fluxo de consciência é a “expressão linguística da perda da identidade individual”, há um “indivíduo cindido”, porque há também o processo de deterioração do sistema capitalista mais do que agônico, por isso *Ulisses* expressa a “dialética cultural” do seu tempo, através de Bloom, que percebe, de modo parcial e distorcido, a realidade. As grandes empresas capitalistas agredem a identidade do anti-herói moderno, que está sem vida e no “lugar-comum” da sua inexpressiva condição burguesa.

Em perspectivas sociológica e histórica, o homem moderno do final do século XX reflete essa angústia da impotência, dos arremedos e das limitações humanas, do arrojo da tecnologia que provoca, mas da necessidade de encontrar na natureza um refúgio, porque a vida já não é mais suportável diante do caos do “salve-se quem puder a qualquer preço”. O mundo no início do



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

século já fora destruído, e, “para a grande cultura burguesa”, [...] “a destruição do mundo é corolário e consequência dessa destruição do mundo da cultura”. (MORETTI, 2007, p. 238). O sistema capitalista, que sobrepujou e solapou as perspectivas de equilíbrio e igualdade sociais, não dá mais conta de integrar esse ser já fragmentado, perdido e desconstruído de si mesmo. Não há praticamente mais utopia ao homem moderno, que se vê só como mais uma “peça” coisificada e descartada desse mundo; parece diluir-se, na infância de uma matéria dissolvida. Ao analisar os fluxos de consciência de Bloom, em *Ulisses*, de James Joyce, na perspectiva ruínosa do capitalismo, Moretti afirma que Bloom é “a paródia impiedosa do ‘espírito do capitalismo’”, dotada do aleatório e do inútil.

Macabéa também é a representação paródica mais expressiva desse desencanto do capitalismo em ruínas. O patrocínio da Coca e do sabão Aristolino, em forma de paródia grotesca, rebaixada e cômica, reflete a protagonista oprimida pela dimensão da insustentabilidade e da incapacidade de um sistema cruel, que produz exclusão e alienação, construir uma cidadania mais humanista<sup>12</sup>. A protagonista vazia não se integra, nesta sociedade técnica, porque nela não se insere. Perdida e desconstruída, o ser vaga em descrédito pelos espaços urbanos e mal se expressa como ser. Mas no final vislumbra-se na contradição da (des)esperança um apequenado e utópico momento sublime:

Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.  
Sim. (p. 104)

Chegamos a alguns pontos de vista conclusivos. Primeiro, que há uma projeção da autoria em Rodrigo S.M., nesse triplo movimento (personagem, autor, narrador), e os inconstantes e oscilantes papéis de CL na vida, mais solitária e na “concha” do seu apequenado quarto e por vezes mais participativa e democrática, lutando pelas causas sociais das classes menos

---

<sup>12</sup> De vigor crítico bastante elucidativo sobre HE, podemos evidenciar *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela* (2006), da discípula Ana Aparecida Arguelho de Souza, e anterior a este, temos sua mestra, desbravando a leitura crítica dos aspectos sociais, na obra de CL, no volume *A tessitura dissimulada: o social em Clarice Lispector* (1999), de Neiva Pitta Kadota.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

favorecidas, tal como a sua denúncia contra miserabilidade humana, existente na história de Macabéa, representando seu vigor da linguagem, que não deixa de se situar, no engajamento e na denúncia social. Segundo, a relação Rodrigo S.M/Macabéa é tão próxima e tão distante que ambos morrem, no final, um na metadiegeese e outro na diegeese e em mescla dessas posições. Macabéa, enquanto criatura do seu personagem-autor e narrador, funde-se à matéria escrita e narrada, e texto e metatexto já não apresentam limites tão demarcados. Por fim, em terceiro plano, aspectos grotescos e temáticos também se mesclam, elementos rebaixados, animalescos e tortuosos se conectam às questões da problemática social abordadas no romance.

## Referências

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Trad. e apres. de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.

ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector: com a ponta dos dedos*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiivsky*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BARBOSA, Maria José Somerlate. *Clarice Lispector: des/fiando as teias da paixão*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3 ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2004.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 2. ed. São Paulo: Duas cidades, 1998.

FRIEDMAN, Norman. “O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico”. Trad. de Fábio Fonseca de Melo. *REVISTA USP*. São Paulo. N. 53, p. 166-182, mar-mai/2002.

GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. Quando o objeto, cultural, é a mulher. *Revista Organon*. v.16, n. 16, 1989, p. 198-204.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime: tradução do “prefácio de Cromwell”*. Trad. de Célia Berrentine. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GUIDIN, Márcia Lúcia. *Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1996.

KADOTA, Neiva Pitta. *A tessitura dissimulada: o social em Clarice Lispector*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

KAYSER, Wolfgang. *Lo grotesco: su configuración em pintura y literatura*. Trad. de Ilse M. Brugger. Buenos Aires: Editorial Nova, 1964.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

LERNER, Julio. *Clarice Lispector: essa desconhecida*. São Paulo: Via Lettera, 2007.

LISPECTOR, *Água Viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

\_\_\_\_\_. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

\_\_\_\_\_. *A hora da estrela* [edição com manuscrito e ensaios inéditos]. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

\_\_\_\_\_. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro, Do Autor, 1964.

\_\_\_\_\_. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Do Autor, 1964.

\_\_\_\_\_. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

\_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Org. de Teresa Montero e Lícia Manzo, Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

\_\_\_\_\_. *Um sopro de vida (pulsações)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LUCCHESI, Ivo. *Crise e escritura: uma leitura de Clarice Lispector e Vergílio Ferreira*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MORETTI, Franco. *Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias*. Trad. de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

NASCIMENTO, Milton et al. “Maria, Maria”. Intérprete: Milton Nascimento. *Clube da esquina 2*. São Bernardo do Campo: EMI-Odeon, 1978. 2 LP. Disco 2, lado B, faixa 2.

NOLASCO, Edgar Cezar. *A hora da estrela, Clarice Lispector: 40 anos*. Campinas, Pontes, 2018.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista*. São Paulo: Senac, 2006.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 68 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

RIBEIRO, Vera Massagão. “Analfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa” Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a8.pdf>> Acesso em: 30 nov. 2019.

SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Unesp, 2013.

SANTIAGO, Silviano. “A política em Clarice Lispector”. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/blog/a-politica-em-clarice-lispector/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* 2. ed. Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1993.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela*. São Paulo: Musa; Dourados, MS: UEMS, 2006.